



MARCEL, Gabriel. *Os homens contra o humano*. Prefácio de Paul Ricœur. Tradução de Claudinei Aparecido de Freitas da Silva e revisão técnica de Cristiano Perius. Cascavel, PR: Edunioeste, 2023 (Série Fenomenologia e Existência, n. 4)

OS HOMENS CONTRA O HUMANO

Paulo Alexandre Marcelino Malafaia

Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio, Brasil. E-mail: pmalafaia@bol.com.br

*“Veja, olha outra vez o rosto na multidão
A multidão é um monstro sem rosto e coração”
(RACIONAIS MC’S. Negro drama).*

Em uma encruzilhada filosófica aparentemente surpreendente, o verso dos Racionais MC’s sintetiza boa parte da especulação filosófica de *Os homens Contra o Humano*. No livro em questão,

através de uma vibrante análise descritivo-fenomenológica bem particular, Gabriel Marcel explora noções que contribuíram para o soerguimento daquilo que está no título mesmo – original ou “derivado”. Explico. Ou melhor, deixemos que o próprio autor se explique – como se lê já no Prefácio original do texto “*O universal contra as massas*: tal é, sem dúvida, o verdadeiro título desta obra” (p. 28). Mais: essa espécie de “segundo título” ou “título derivado” é retomado na avaliação de conjunto oferecida pelo filósofo em sua conclusão – “O universal contra as massas (II)”. Trata-se, pois, em suma, de uma análise que procura evidenciar como a contemporaneidade traz à tona teorias e práticas metafísicas, sociais e políticas – se é que se pode distinguir com nitidez esses domínios filosóficos – que fazem com que – paradoxalmente – muitos seres humanos dirijam, orientem, vivam suas vidas de modo contrário à humanidade mesma – própria e/ou dos demais. Malogro do século XX é tornar nítido múltiplas formas pelas quais a massa, a multidão, não obstante ser composta por seres humanos, possui o terrível poder de apagar, esquecer, obnubilar o que há de humano. A massa, a multidão se tornam, pois, um todo amorfo, um monstro sem rosto e coração. Em boa medida, os ensaios reunidos ali se dão a hercúlea tarefa de defender filosoficamente a existência de uma condição universal no humano, que pode ser sintetizada pelo binômio espírito-amor; e que o “espírito de abstração”, tão próprio a constituição das massas, da multidão, contribui de modo decisivo para que essa universalidade não prevaleça. Ora, certamente não é esse binômio que se coloca à frente do negro drama cantado pelos Racionais MC’s e nem da descrição das técnicas de aviltamento, do fanatismo, da abstração como fator de guerra ou da despersonalização das relações humanas, para citar apenas algumas das análises de Gabriel Marcel que o leitor pode vislumbrar apenas conferindo o Sumário.

No mais, sempre que possível, é preciso ler a literatura filosófica europeia sob nosso olhar decolonial latinoamerican@. Isto posto, ao ver desse leitor filosófico brasileiro, pardo, assim *historicamente situado* – para usar uma expressão que ecoa Marcel... :p –, uma das mais brilhantes e originais análises descritivo-fenomenológicas encontráveis na obra é a noção de “técnicas de aviltamento”. As linhas que se seguem subvertem, pois, parcialmente, a ideia tradicional de uma resenha crítica para explorar e filosofar com Marcel a partir desse ponto. Essa estratégia visa a instigar o leitor dessa resenha sem dar – muitos... – *spoilers* outros sobre os inúmeros *crossovers* filosóficos lindamente encontráveis dentro e fora do índice remissivo da edição que vem à lume pela Editora Unioeste. Para louvar e saudar abundantemente a elegante tradução do professor doutor Claudinei Aparecido de Freitas da Silva, certamente um dos maiores estudiosos do filósofo francês em nossas terras brasileiras, aproveitarei a ocasião para citá-la com galhardia e, partindo dela, passar à exploração filosófica no melhor estilo Marcel.

Para tal, é importante, primeiramente, ler seu *ensaio de definição* da expressão: “entendo por técnicas de aviltamento o conjunto de procedimentos deliberadamente posto em curso para atacar e destruir, nos indivíduos que pertencem à determinada categoria, o respeito que eles podem ter deles próprios, transformando-os, pouco a pouco, em um dejetos que se compreende a si mesmo como tal e que, no fim das contas, só pode perder as esperanças não só intelectualmente, mas vitalmente, de si mesmo” (p. 52).

O pano de fundo histórico dessa citação é o que o autor chama de *trégua* após as duas Grandes Guerras. O livro é de 1951. Por isso mesmo tal estudo inicia chamando a atenção para a necessidade de reter na memória os males vividos por essa experiência – e não a deixar escapar simplesmente à história, quase que obscurecendo a concretude dos cruéis acontecimentos vividos, experienciados, promovidos por seres humanos contra outros seres humanos. Não raras vezes a massa, a multidão se desumaniza (monstro) a tal ponto que deixa de ver em outros seres humanos aquilo que seria comum, próprio e mesmo universal: o binômio espírito-amor. Essa massa, essa multidão, desumanizando-se, deixa de ter *rostos e coração*. Esvai-se a concretude individual humana, as existências humanas de carne (negra e as mais diversas possíveis) e osso.

Nesse contexto, Marcel parte da descrição de sobreviventes dos campos de concentração nazista e se esforça por extrair quais são as técnicas utilizadas para se obter aquele resultado acima descrito. Num ousado esforço por entender o mecanismo mental de quem aplica tais técnicas, Marcel escreve: “o perseguidor se empenha em destruir, num ser, a consciência, ilusória ou não, de que esse ser tem, de início, seu próprio valor. É preciso que ele (o perseguido) se torne, para si, o que julgamos ou que se diz que julgamos que ele seja na realidade. É necessário que aquele que efetivamente não vale nada reconheça-se como nada. Não basta que o perceba intelectualmente: é preciso mais ainda que *sinta*, como sentimos um odor de putrefação que nos força a tapar o nariz. Em verdade, pois, por que isso é preciso? Em primeiro lugar, mais uma vez, porque, em última análise é o único meio de mantê-lo à nossa mercê; um ser que retém, alguma consciência de seu valor, por menor que seja, ainda é capaz de reações, se não perigosas, pelo menos incômodas. De outra parte, ao degradar assim sua vítima, o perseguidor reforça o sentimento de sua própria superioridade; por princípio, ele julga, de fato, que o outro está desde já ali, virtualmente, sob a condição do ser descartável que efetivamente se tornou e que portanto, era justo tratá-lo com o extremo rigor. Há aí uma espécie de horrendo círculo vicioso que a reflexão é obrigada a pôr em nu” (p. 55).

Alarguemos, pois, o conceito de técnicas de aviltamento cunhado por Marcel para descrever uma série de processos de vitimização (histórica) referentes a alguns grupos – étnicos, religiosos, de gênero, de conduta sexual etc. – ou mesmo a indivíduos, na medida em que são

aviltados, ou pelo menos se tem a pretensão de torná-los vis, por *serem* (*pertencerem*) àquela condição ou grupo específico. É notável que a existência de uma condição pessoal ou cultural persecutória de tornar as vítimas vis a seus próprios olhos se faz sentir na atualidade. Quantas são as vítimas de algum tipo de violência – física ou psicológica – que insistem em se sentirem culpadas não obstante a evidente condição a que foram submetidas? Negros, mulheres, homossexuais, pobres talvez listem os casos mais numerosos entre esse tipo de aviltamento... Indo além, como não perceber que as condições culturais e históricas em que estão inseridos promovem, muitas das vezes, a contínua reprodução deste tipo de mentalidade aviltante? Quantas são as piadas grosseiras dirigidas ao aviltado? Quantos são os exemplos da linguagem que os achincha? Quanta transmissão de pré-conceitos a inculcar, mais ou menos conscientemente, uma mentalidade *contrária* a um certo grupo de pessoas ou mesmo a modos de existência que se insiste em condenar sem que se leve em conta a concretude individual humana a que aquele aviltamento se dirige!...

Tal incursão daquilo que nós, no século XXI, podemos perceber como técnicas de aviltamento – e que provavelmente não estaria no horizonte interpretativo de Marcel... – faz-nos perceber os tentaculares efeitos da extensão de tais técnicas.

Esse é apenas um dos muitos exemplos com que essa “lucidez inquieta”, para falar com Ricœur, prefaciador e “curador” de sua última edição francesa, brinda-nos com a dura, mas valiosíssima leitura. A obra é um registro de uma filosofia que, não obstante os funestos acontecimentos do século XX, não se deixa enclausurar num desespero estéril. Muito ao contrário: ao denunciar que o espírito de abstração que esquece rostos e corações – e, por isso, articula-se na direção da guerra e esquece a paz –, Marcel procura abrir um caminho reflexivo para justificar a experiência real, concreta da esperança.

Recebido em: 28/02/2024.

Aprovado em: 11/04/2024.